

# Vestibular é tatuagem no currículo



É tempo de vestibular, de ansiedade para pais e filhos que vêem chegar a hora da avaliação pública. É no vestibular para o curso superior que se decide um vasto tanto de coisas que vão colorir futuros. É mais que um rito de iniciação, é uma tatuagem indelével no currículo, que vai gerar a semente do status futuro.

De cursar ou não depende o tipo de trabalho ao qual poderemos nos candidatar na vida. Da sua escola serão seus amigos. Mas tudo não começa no vestibular. Passamos, na vida, por muitos vestibulares que não saem nos jornais.

Para termos prestígio quando crianças precisamos, por exemplo, ser bons de comida, de bola e de mira, rápidos nas fugidas e disfarçar para jamais sermos tratados como bobos. Aprender tem que ser rápido para nunca sermos chamados de burros.

Evitar estigmas é essencial -ser bobão e criança deixa marcas. Ser lento, não ser queridinho e ser dos últimos são base segura de insegurança futura. Deus me livre a pecha de dedo-duro, isso é pior do que não passar nos vestibulares. Existem palavras que caíram em completo desuso, mas que já foram um terror na nossa vida quando crianças. Porquinha, desmazelada e ranhenta, eram horríveis, mas nada pior do que bobão ou bobona. Livrar-se dessas pechas não era impossível, mudando de turma se conseguia.

O lerdo em corrida aos seis anos pode virar bom aluno ou ótimo em inventar desculpas para encobrir malfeitos. Dá para equilibrar. A gordona quase sempre emagrece para agradar aos moços. Os lerdos podem se tornar profissionais das áreas que demandam precisão.

Passamos, pois, na vida, por muitas iniciações cujos resultados marcam, mas não são obrigatoriamente definitivos. Para ultrapassar as conseqüências, há um dom do qual não podemos prescindir: perseverança.

Ser capaz de refazer, iniciar e reiniciar, pôr de lado -já que não dá para apagar- é indispensável. Para quem persevera, existe sempre um resto de vida para o potencial se revelar.

Perseverar é condição, mas as chances e oportunidades têm uma lógica própria. Nem sempre são frutos do acaso.

O mundo é cruel com os jovens. Para garantir um lugar confortável no mundo, é preciso ter uma "folha corrida escolar" muito bem talhada. É na adolescência que fazemos a tatuagem identificatória definitiva. Não é à toa que pais e filhos caem em profunda ansiedade na chegada desse momento, se não fatal, importantíssimo.

É verdade, temos o resto da vida para que nosso potencial se revele, mas as chances nem sempre aparecem na hora certa. Ter freqüentado determinadas instituições abre portas melhores, escancara ou deixa entreabertas outras. Não adianta disfarçar: escola é grife. Pode-se vencer sem elas, mas é mais difícil. Claro que algumas pessoas combinam de forma feliz seus ingredientes de personalidade que podem resultar em uma chave que abre todas as portas, poucas portas ou nenhuma porta. Mas isso não é válido para todas as épocas. O homem ideal de 1500, aquele que então seria o máximo, com certeza não é o campeão de hoje. Os tempos mudam e o jeito de cada grupo se reproduzir e difundir seu saber, ciência e arte não é nada constante. Já houve o tempo da fé, do milagre, da bondade. Hoje o que vale é o desempenho, que nem sempre corresponde a uma continuidade de desenvolvimento. O diploma, o primeiro milhão, a primeira casa própria, a alfabetização para o analfabeto são momentos de triunfo que podem ser o começo, mas também uma parada. Hoje não podemos parar. Do diploma queremos o mestrado, do mestrado, o doutorado, do emprego vamos para a segurança no emprego. Do feito, bem-feito, saltamos para a ânsia de reconhecimento. Trocamos hoje facilmente o primeiro milhão pela notoriedade. E não adianta saber que Marilyn Monroe foi linda, amada, cortejada, reconhecida e que não foi feliz com isso. Assim como não o foram Maradona, Greta Garbo e outros tantos.

O vestibular é diferente. É um passo certo, não é nem fim nem começo. Não garante o futuro, mas quase sempre é importante. Voltando a Marilyn Monroe e a Maradona, eles não precisaram do vestibular em suas carreiras. Mas não faz mal nenhum garantir-se na entrada da vida adulta com uma boa linha para o currículo -e o que acontecerá depois o futuro dirá. Pais e filhos em janeiro anseiam por essa segurança, que hoje é importante. Janeiro é um mês difícil para aquele que se submete, para o que vai se submeter e para os pais que gostariam de deixar esse legado.

**ANNA VERONICA MAUTNER** psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autora de "Cotidiano nas Entrelinhas" (ed. Ágora) e também escreve na seção "Outras Idéias", deste suplemento.

(recebido de Lúcia, lista FEPC - [www.edicoesgil.com.br](http://www.edicoesgil.com.br))

